

## O PASSADO, UM ETERNO PRESENTE: USOS DA FOTOGRAFIA NA POESIA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

CAMILA ALEJANDRA LOAYZA VILLENA<sup>1</sup>;  
AULUS MANDAGARÁ MARTINS<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [aleloayzashiro@gmail.com](mailto:aleloayzashiro@gmail.com)

<sup>3</sup>Aulus Mandagará Martins – [aulus.mm@gmail.com](mailto:aulus.mm@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema o diálogo que se estabelece entre a poesia e a fotografia, cujos textos diferem bastante quanto a seus aspectos de linguagem e técnica, seus usos culturais. Para concretizar esta relação o corpus de análise se compõe de sete poemas de Carlos Drummond de Andrade, os quais são: “Confidencia do itabirano”, “Os mortos de sobrecasaca”, *Sentimento do Mundo* (1940); “Viagem na Família”, “Edifício Esplendor”, *José* (1942); “Retrato de Família”, *A Rosa do Povo* (1945); “Convívio”, *Claro Enigma* (1951); “Imagem, Terra, Memória”, *Farewell* (1990). Este recorte justifica-se pela presença explícita da fotografia nos poemas, seja como seu principal motivo, seja como uma simples alusão ou referência.

O principal objetivo da pesquisa é, a partir sobretudo do pensamento de Roland Barthes, verificar de que modo Drummond se apropria de elementos da linguagem fotográfica e de seus usos culturais para configurar uma poética em que a memória e as experiências familiares ocupam um lugar privilegiado.

### 2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento dessa pesquisa utilizou-se a metodologia bibliográfica, com o aporte dos estudos comparados em literatura. Em relação à fotografia, a pesquisa fundamenta-se principalmente nos pressupostos teóricos de Roland Barthes, expostos em *A câmara clara* (1980) e “A mensagem fotográfica” (1982). Importante para a compreensão da fotografia, enquanto linguagem, são as noções de punctum, studium, operator, spectrum, spectator e satori, as quais fornecerão um quadro conceitual para a leitura dos poemas do corpus da pesquisa. “Inquietudes na poesia de Drummond” (CANDIDO, 1970), *El arco y la lira* (PAZ, 1967) e comentadores do pensamento de Barthes (FONTANARI 2010; 2016) e outros estudiosos da fotografia (SONTAG, 2006; RITCHIN, 2010) completam os referenciais teóricos e críticos utilizados na pesquisa.

A escolha dos poemas de Drummond baseou-se na presença explícita da palavra fotografia ou retrato. Do mesmo modo, procurou-se distintos temas presentes em cada poema que envolvem à existência humana (a família, a memória, o passar do tempo, etc.) para entender os usos culturais da poesia e compará-los com os da fotografia.

Os poemas drummondianos foram analisados a partir das noções de studium, punctum e satori dentro da fala do Eu Lírico. Também foi estudada a importância da fotografia dentro dos poemas, procurando saber se era uma simples menção ou abarcava tudo o sentido da lírica. Foram discutidos os conceitos de passado, família, memória e tempo.

Com base nos termos cunhados por R. Barthes foi possível estabelecer uma nova perspectiva em quanto à leitura dos poemas de Drummond. Esse encaixe

delimitou uma relação entre os papéis desempenhados por quem escreve uma poesia ou captura uma fotografia (operator), que/quem é escrito ou fotografado (spectrum) e quem faz as leituras (spectator). O processo não deferi com os termos *studium*, *punctum* e *satori*, os quais foram contextualizados aos poemas.

Refletiu-se também sobre os usos culturais de ambas artes, em como apesar de seu anacronismo podem interatuar uma com a outra, características de linguagem semelhantes, aspetos que se referem à produção e sua influência no comportamento humano. Ao mesmo tempo, as características específicas da fotografia e as noções sobre tempo na lírica drummondiana abriram passo a discussões sobre o futuro, sua influência dentro da lírica de Drummond e como a era digital se involucra com a fotografia e com a poesia.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados do atual estado da pesquisa propiciam estabelecer o diálogo entre as linguagens poética e fotográfica. No caso específico de Drummond, nossa hipótese é que a fotografia, enquanto objeto de linguagem com usos culturais definidos, propicia ao poeta um aprofundamento de questões presentes em sua poética, tais como a memória, a infância, a família. Por exemplo, no poema “Edifício Esplendor” em cujos versos “Ha um retrato na parede/um espinho no coração” (22 – 23) aparece a fotografia como um *punctum*, ativador de lembranças, de nostalgia, que provoca uma dor. O eu lírico começa uma viagem de introspecção que o leva a um momento inclusive anterior a sua própria existência, a “Goiás, a extinta pureza” (38). Na terceira parte do poema aparece o símbolo da casa paterna e do pai, que aparecem também no poema “Viagem na família” (1942). Parece ser que o *punctum* nos é revelado, intuímos que é a presença da figura paterna o que afeta ao eu lírico. O retrato quebra com a imutabilidade que possui e adquire a capacidade de chorar e de sentir como o tempo arrasa com a memória que ele conserva. O Edifício Esplendor também começa a perder essa qualidade de magnificência, de suntuosidade, o passar do tempo também o converteu em algo medonho, assim como a infância que se transforma num copo de veneno.

Na quarta parte do poema o eu lírico chega na conclusão que o nosso próprio corpo é uma prisão que nos encaminha ao último suspiro. A sua qualidade orgânica se reflete nestes versos: “o corpo esmorece/na lascívia frouxa/da dissolução previa” (66 – 68). Concomitantemente, o eu lírico expõe sua noção sobre o tempo e os corpos, ambos interligados e marcados ambos pelas ações íntimas e externas do indivíduo, remetendo-nos à conceição de Jorge Luís Borges e de San Agustín sobre o tempo: “El tiempo soy yo”.

Da quarta parte cabe ressaltar, conjuntamente, a estrutura dos versos, acoplados um trás o outro, sem uma pausa, sem um respiro e o verso final com essa exclamação, esse grito calado e somente escrito é a revelação do *satori*. Essa vibração que provém da descoberta do inevitável destino: estamos encaminhados a morrer, a deixar de ser, presos na caducidade do biológico, vítimas do rio e do tigre borgianos ou de nossa condição humana como a descreve Octavio Paz. Nas palavras de Sontag: “As fotos declaram a inocência, a vulnerabilidade de vidas que rumam para a própria destruição, e esse vínculo entre fotografia e morte assombra todas as fotos de pessoas” (2006, p. 44).

Na quinta e última parte do poema o retrato não pode vencer sua efemeridade e começa a descolorir-se, a se tornar uma superfície neutra, cedendo passo ao esquecimento e a esse roer que marca a destruição em outros poemas como em “Mortos de sobrecasaca” (1940). Sem mais, os ratos acabam com os resquícios da vida dos homens.

#### 4. CONCLUSÕES

Nesta fase final da pesquisa, podemos verificar que a fotografia percorre a obra de Drummond, seja como mera referência cultural, seja como motivo para o aprofundamento de temas presentes nos poemas do autor, tais como a memória, o tempo, os vínculos familiares. Desse modo, a presente pesquisa deu conta apenas de um pequeno corpus de poemas, que poderá ser ampliado em futuros estudos.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, R., **A câmara clara**. Trad. J. Castañon. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BARTHES, R. A mensagem fotográfica. In; LIMA, L.C. (org.). **Teoria de Cultura de Massas**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- BARTHES, R. La imagen. In: **Lo obvio y lo obtuso: Imagenes, gestos, voces**. Espanha, Paidós, 1986. p. 11 – 67.
- BENJAMIN, W. “Pequena história da fotografia”. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 91-107.
- BENJAMIN, W. **La obra de arte en la época de su reproductibilidad técnica**. Trad. A. E. Werkelt. México D. F., Itaca, 2003.
- CANDIDO, A. Inquietudes na poesia de Drummond. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970. P. 92-122.
- DRUMMOND, C. **Nova reunião: 23 livros de poesia**. Companhia das Letras, São Paulo, 2015.
- ECHEGARRETA, M. **Impre(cisiones) simultaneas: Imagen y palabras, poesía y fotografía**. Tese de mestrado em Literatura, Facultad de Ciencias Sociales, Pontificia Universidad Javeriana, apresentada em 22 de julho de 2015, Colombia.
- FONTANARI, R. Como ler imagens? A lição de Roland Barthes. **Galáxia**. São Paulo, n. 31, p. 144-155, abr. 2016. Online. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542016122392>
- FONTANARI, R. Roland Barthes e a Fotografia. **Discursos Fotográficos**. Londrina, v. 6, n.9, jul/dez. 2010, p. 53 – 76.
- MARZAL, J. Pensar la fotografia en la era digital. **adComunica: revista científica de estrategias, tendencias e innovación en comunicación**, Espanha, n. 2, 2011, p. 221-225.
- MENESES, T.; MAIA, V.; GOMES, M. De poetas e poesia: do conceito clássico à era digital. In: **Revista do 11º Encontro Internacional de Formação de Professores e 12º Fórum Permanente de Inovação Educacional**. Brasil, v. 6, n. 1, 2016.
- PAZ, O. **El arco y la lira**. Mexico, 1967. Acessado em 15 mar. 2019. Online. Disponível em: <http://www.ecfrasis.org/wp-content/uploads/2014/06/Octavio-Paz-El-arco-y-la-lira.pdf&sa=U&ved=>.
- SANTIAGO, S. Convite à leitura de poemas de Carlos Drummond de Andrade. Ora (direis) puxar conversa! Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 9-57.
- SCHMITDKE, A. O retrato na obra de Carlos Drummond de Andrade. In: **IX Semana de Letras: Cultura e Diferença**, 2009, Porto Alegre, EDIPUCRS, 2009, p. 353 – 365.
- SONTAG, S. **Sobre la fotografia**. Trad. Carlos Gardini. México: Santillana, 2006.
- RITCHIN, F. **Después de la fotografia**. Trad. L. Albores. México: Serieve, 2010.